



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA - UEPB  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E EXATAS - CCHE  
CAMPUS VI – POETA PINTO DO MONTEIRO  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS HABILITAÇÃO  
EM LÍNGUA PORTUGUESA**

**JANIELE RODRIGUES DA SILVA**

**DESVENDANDO O UNIVERSO FEMININO A PARTIR DO  
ROMANCE HISTÓRICO *DESMUNDO* DE ANA MIRANDA**

**MONTEIRO-PB  
2018**

**JANIELE RODRIGUES DA SILVA**

**DESVENDANDO O UNIVERSO FEMININO A PARTIR DO  
ROMANCE HISTÓRICO *DESMUNDO* DE ANA MIRANDA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro de Ciências Humanas e Exatas (CCHE) da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), como requisito para a obtenção do título de Licenciatura em Letras Habilitação em Língua Portuguesa.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Ms. Simone dos Santos Alves Ferreira.

**MONTEIRO-PB  
2018**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586d Silva, Janiele Rodrigues da.  
Desvendando o universo feminino a partir do romance histórico *Desmundo* de Ana Miranda [manuscrito] : / Janiele Rodrigues da Silva. - 2018.  
51 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Exatas, 2018.

"Orientação : Profa. Ma. Simone dos Santos Alves Ferreira, Coordenação do Curso de Letras - CCHE."

1. Ana Miranda. 2. Romance histórico. 3. Desmundo (Romance). 4. Mulher e Submissão. 5. Mulher e Patriarcalismo. 6. Escrita feminina.

21. ed. CDD P869.3

JANIELE RODRIGUES DA SILVA

**DESVENDANDO O UNIVERSO FEMININO A PARTIR DO  
ROMANCE HISTÓRICO *DESMUNDO* DE ANA MIRANDA**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Centro de Ciências  
Humanas e Exatas (CCHE) da  
Universidade Estadual da Paraíba  
(UEPB), como requisito para a  
obtenção do título de Licenciatura em  
Letras Habilitação em Língua  
Portuguesa.

Aprovado em: 26/06/2018.

**COMISSÃO EXAMINADORA**

  
Prof.ª Ms. Simone dos Santos Alves Ferreira - Orientadora  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

  
Prof.ª Esp. Josefa Adriana Gregório de Souza - Examinadora  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

  
Prof.ª Esp. Natássia Thais do Nascimento Ribeiro – Examinadora  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

A todas as mulheres que foram silenciadas, aquelas que lutam diariamente para serem ouvidas e as que ainda gritam. Que possam descobrir no alvoroço da vida, um caminho dentro de si, rompendo barreiras e cultivando sonhos. Dedico.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a DEUS, por ter me dado à permissão de chegar até aqui, por não desistir de mim e estar presente em todos os momentos da minha vida, a Ele toda a honra e glória.

À minha família, base da minha vida: meus pais: José Andrade e Ednalva; minhas irmãs: Simone, Suênia e Rafaela; minha sobrinha: Stela, por quem tenho um amor infinito. Obrigada pela credibilidade, confiança e incentivo.

À responsável por me apresentar o romance *Desmundo*, de Ana Miranda, minha orientadora Simone Alves, pela paciência, incentivo, disponibilidade, atenção e dedicação prestada em todas as fases do trabalho. Nenhuma palavra seria capaz de expressar o quanto sou grata.

A todos os amigos que conquistei nessa etapa da minha vida, em especial aqueles com dividi e divido minha vida até hoje. Obrigada pelos bons momentos vividos.

Aos amigos que escutaram minhas lamúrias, dando força e apoio para que eu continuasse, entendendo e respeitando minha ausência em tantos momentos. Em especial aqueles que se disponibilizaram em dividir a leitura comigo.

Às pessoas da banca examinadora, Adriana Gregório e Natássia Ribeiro, pelo olhar aguçado, pelas contribuições e pela disponibilidade. A todos os professores da graduação, assim como os funcionários da UEPB, Campus VI.

E a todos que contribuíram direta e indiretamente para realização deste sonho.

A todos, muito obrigada!

Sempre fomos o que os homens disseram  
que nós éramos. Agora somos nós que  
vamos dizer o que somos.

(Lygia Fagundes Telles)

## RESUMO

O romance histórico *Desmundo* (1996), de Ana Miranda se passa em meados do século XVI enarra à trajetória da personagem Oribela, jovem portuguesa e órfã que veio acompanhada de outras mulheres, também órfãs, para as terras brasileiras, desposar homens portugueses que aqui viviam. O presente estudo pretendeu analisar a protagonista da obra em questão com o intuito de mostrar sua postura social e ideológica à frente dos padrões da época e em que aspectos subverte o que era imposto a sua condição feminina. Para tanto, baseamo-nos nas considerações teóricas de Mary del Priore(1993), e Emanuel Araújo(1997) no que se refere a condição da mulher em sociedade, Rogério Miguel Puga (2006), Maria de Fátima Marinho(1999) e Marilene Weinhardt (1994) sobre romance histórico, dentre outros estudiosos que se fizerem necessários. A análise nos mostra que através do romance histórico contemporâneo, a autora nos traz uma nova versão da história do Brasil colonial a partir da ótica feminina, pois a protagonista Oribela expõe sua visão acerca de um período tão misógino no tocante à figura feminina. Além disso, a personagem, ao estar em contato com um ambiente estritamente patriarcalista, sem poder de decisão concedido a sua condição, busca subverter/transgredir os costumes mais tradicionalistas da época. Nesse sentido, a condição de mulher submissa que anseia por emancipação é bastante enfatizada na obra.

**Palavras- chave:** Ana Miranda. Romance Histórico. Literatura de autoria feminina.

## ABSTRAT

Ana Miranda's historical romance *Desmundo* (1996) is set in mid-16th century, and it tells the trajectory of Oribela, a young orphan Portuguese woman who came to Brazil together with other orphan women to marry Portuguese men who lived here. The current study aimed to analyze the protagonist of the this work with the purpose of showing her social and ideological position ahead of the standards of that time and in what aspects she subverts what was imposed to her female condition. For that, we based ourselves on the theoretical considerations of Mary del Priore (1993), and Emanuel Araújo (2008) regarding the condition of women in society, Rogério Miguel Puga (2006), Maria de Fátima Marinho (1999) and Marilene Weinhardt (1994) on historical romance, among other scholars that may be necessary. The analysis shows that through the contemporary historical romance the author brings us a new version of the colonial Brazil history from a feminine point of view, because the protagonist Oribela exposes her vision about a so misogynistic time regarding to the female figure. In addition, the character while being in touch with a strictly patriarchal environment, without decision power granted to her condition, seeks to subvert/transgress the most traditionalist customs of the time. In this sense, the condition of a submissive woman who longs for emancipation is greatly emphasized in the work.

**Keywords:** Ana Miranda. Historical romance. Literature of female authorship.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>CAPÍTULO I: A MULHER E SUA CONDIÇÃO SOCIAL</b> .....	13
1.1 Condição feminina no Brasil Colonial: o século XVI .....	13
1.2 O casamento, vida conventual, sexualidade e maternidade na colônia. ....	18
<b>CAPÍTULO II: ANÁLISE DO PERFIL DA MULHER TRANSGRESSORA NO ROMANCE HISTÓRICO <i>DESMUNDO</i> DE ANA MIRANDA</b> .....	26
2.1 Breve excuro sobre o gênero Romance Histórico: conceitos e características encontrados no romance <i>Desmundo</i> (1996) .....	26
2.2 A escrita de autoria feminina .....	31
2.3 Em busca de emancipação: atos transgressores da personagem Oribela em <i>Desmundo</i> .....	34
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	49
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	51

## INTRODUÇÃO

O presente estudo traz uma leitura do romance *Desmundo* (1996), de Ana Miranda com o intuito de analisar a condição da mulher no Brasil colonial, a partir da visão da personagem protagonista, Oribela, a fim de evidenciar sua resistência em não aceitar os padrões impostos pela sociedade da época.

O interesse foi intensificado através da observação da escrita de Ana Miranda, por trazer aspectos referentes à história do Brasil colonial através de um romance narrado em primeira pessoa por meio de uma voz feminina, a qual narra a história de uma órfã portuguesa até as terras brasileiras, acompanhada de outras mulheres para poderem casar com homens portugueses que aqui viviam, em virtude da falta de mulheres brancas e cristãs no Brasil. Além disso, a narradora mostra detalhadamente a submissão da mulher que teria que seguir uma cartilha rigorosa e patriarcal do contexto social em que estava inserida. A escrita interessa pelo modo como constrói a personagem principal, produzindo-a com tal riqueza e naturalidade que proporciona verossimilhança com os fatos históricos dos primeiros anos do Brasil colonial, só que contados a partir da visão feminina.

Justificamos ainda a nossa escolha pelo romance, em razão de Ana Miranda apresentar algo que se afasta do modelo tradicional dos romances confeccionados nas últimas décadas, possibilitando uma reflexão e o desejo de aprofundarmos no estudo das personagens, principalmente, as mulheres, a fim de conhecer mais intensamente o papel da mulher no romance histórico, já que a partir desse gênero propõe-se a resignificação de personagens e temas históricos. Além disso, buscamos estudar o perfil de mulher num romance de autoria feminina para dar visibilidade à mulher, já que esta foi por muito tempo oculta socialmente.

Como foi dito anteriormente, a partir da década de 1980, no Brasil, há uma forte tendência da literatura (re) visitar o passado histórico através de romances em que o escritor o (re) escreve sob novos olhares, modificando, acrescentando ou mesmo suprimindo fatos históricos. Faz isso com o intuito de apresentar um discurso diferente da historiografia, proporcionando ao leitor uma visão mais acurada de um período histórico, levando-o, muitas vezes, a questionar e repensar o passado sob uma nova perspectiva. Nesse sentido,

detemos nosso olhar ao estudo/análise na obra *Desmundo*(1996) e, mais especificamente, a análise da personagem Oribela que aborda o período colonial com um olhar questionador em que não aceita o papel social que lhe é atribuído como mulher.

Para tanto, o desenvolvimento desta pesquisa tomou como base os teóricos Mary del Priore(1992; 1993; 2011), Emanuel Araújo(1997), Telles (2007),George Duby (2013), com o propósito de mostrar a situação feminina vivenciada no período, sobretudo por meio da personagem Oribela. Rogério Miguel Puga (2006), Maria de Fátima Marinho (1999) e Marilene Weinhardt (1994) como referencial teórico para entendermos melhor o gênero romance histórico e, Cristina Ramalho (1999) e Luiza Lobo (1996) para trata sobre a escrita de autoria feminina.

Para atender aos propósitos da pesquisa em questão, tem-se como objetivo geral analisar a situação da mulher na sociedade brasileira do século XVI, a partir da personagem Oribela no romance*Desmundo*(1996) de Ana Miranda. E, para a consecução do objetivo geral foram traçados objetivos específicos a fim de discutir sobre a condição feminina com base no contexto histórico-social do século XVI, bem como evidenciar as características do romance histórico brasileiro trazendo a obra *Desmundo* (1996), e por fim, problematizar a submissão feminina do Brasil Colonial do século XVI, com base na personagem Oribela no já referido romance.

Nesse sentido, optou-se pelo romance *Desmundo* (1996) por se tratar de um romance histórico contemporâneo que propõe uma (re) leitura do período colonial por um viés diferente. Diante disso, foram propostos os seguintes problemas de pesquisa: Como se condiciona o comportamento opressor sofrido pela personagem Oribela? Sua condição de submissa na sociedade patriarcal do século XVI evidencia o contexto social da época? É uma personagem além do seu tempo que subverte as normas vigentes da sociedade patriarcal? Quais ações são praticadas pela protagonista que evidenciam o seu comportamento transgressor em relação ao modelo de submissão feminina e a torna uma mulher emancipada?

Nosso estudo está dividido em dois capítulos: no primeiro, abordamos aspectos sobre a condição feminina no Brasil colonial do século XVI, já pontuando aspectos analíticos concernentes ao nosso objetivo. No segundo

capítulo, faremos uma breve menção à constituição do gênero romance histórico fazendo alusão ao romance que analisamos e, por fim, nos detemos à análise da protagonista observando atos considerados transgressores da moral social da época que a tornam uma mulher emancipada.

Antes, porém, faz-se necessário um breve resumo a fim de nos situarmos do contexto que a obra reproduz. O enredo romanesco é dividido em dez partes e gira em torno da personagem Oribela, uma jovem sensível, sonhadora e religiosa que desde a saída de sua terra natal, Portugal, sonha com um “mundo novo”. Ao chegar ao Brasil, em 1555, ela, outras órfãs e uma espécie de conselheira se hospedam em uma pensão, enquanto seus casamentos são arranjados. Mostrando-se contrária a ideia do casamento, ofendendo de forma bastante grosseira um de seus primeiros pretendentes, se vê obrigada a casar com outro homem bestial, chamado Francisco de Albuquerque, rico, proprietário de muitas terras e escravos que acaba levando-a para seu engenho de açúcar. Na noite de núpcias é forçada a manter relação sexual com o marido, embora o tenha implorado, pedindo tempo para se acostumar com a nova vida.

Em várias ocasiões, a jovem, que não se conformava com a vida que levava na colônia, arquiteta planos de fuga, com o objetivo de retornar a Portugal, além disso, se envolve em um caso extraconjugal com Ximeno Dias. A partir disso, há várias reviravoltas na narrativa que evidenciam o caráter forte da personagem protagonista.

## CAPÍTULO I: A MULHER E SUA CONDIÇÃO SOCIAL

### 1.1 Condição feminina no Brasil Colonial: o século XVI

A mulher foi por muito tempo apresentada socialmente como um ser inferior, submetida aos caprichos masculinos como meros objetos de escravização social, moral e sexual. No período colonial brasileiro não foi diferente, em um contexto estritamente patriarcal, eram submetidas à obediência masculina, seja de um pai, irmão ou marido, e essa obediência se dava com base na ideia de que o homem era superior à mulher, em todos os aspectos. A igreja teve um papel importante para se construir essa visão de submissão por parte da mulher, já que era sua função castrar a sexualidade feminina, baseando-se, principalmente, na ideia de que a mulher levava o homem à perdição, fazendo alusão ao pecado cometido por Eva, todas deviam se resguardar e se manter em extrema submissão a figura masculina.

Com grande difusão na Idade Média, período da história em que predominavam com bastante ênfase valores morais e éticos cristãos, na qual a mulher tinha seu papel definido e baseado em estereótipos que ditavam regras limitando-as aos afazeres domésticos e as tarefas do lar, a opressão feminina torna-se bastante evidente em todos os âmbitos sociais. Segundo Duby (2013) a Igreja como detentora de poder, mantém um olhar vigilante em torno da mulher, instituindo o casamento como meio de “domesticar” o corpo feminino, pelo fato delas apresentarem três vícios:

[...] Em primeiro, as mulheres [...] são levadas a desviar o curso das coisas. [...] a segunda falha – as damas, indóceis, agressivas, são naturalmente hostis a esse macho a quem seu pai, ou irmão, ou filho primogênito as entregou. [...] o terceiro vício [...] é a luxúria. (DUBY, 2013, p.258/259)

As mulheres deveriam ser constantemente vigiadas porque através da vaidade, o desejo carnal as fazia ir à busca de satisfação sexual “correr atrás dos amantes”. E isso deveria ser repreendido para não abalar os padrões morais da época, pois, consoante Del Priore (1993), a mulher para os tempos mais remotos era considerada impura, sendo “[...]capaz de atrair e seduzir os

homens, ela os repelia através de seu ciclo menstrual, seus cheiros, secreções e sucros, as expulsões do parto. Estas impurezas cercavam a mulher de interdições e ritos purificatórios.”(DEL PRIORE, 1993, p.36). Ao mesmo tempo em que despertavam desejo nos homens, elas despertavam ainda sentimentos de repulsa, já que o sexo era sinônimo de pecado se não fosse utilizado exclusivamente com o intuito da procriação.

Telles (2007) afirma que o Brasil, assim como a grande maioria dos países pós- colonizados não difere tanto quando o problema em questão da mulher submissa, pois ao longo da história foi representada pela ótica masculina e excluída, e mesmo na contemporaneidade, após grandes avanços, principalmente, referente aos movimentos feministas, ainda continua, em alguns aspectos, excluída e alvo de preconceitos. Embora a mulher hoje tenha conseguido muitas coisas, ainda é preciso muita luta para a sua consolidação no meio social de forma totalmente emancipada.

Sabe-se que no século XVI, no Brasil, o sexo feminino enfrentou os preconceitos e os tabus trazidos pelos colonizadores portugueses que não aceitavam o modo de vida vivido pela sociedade brasileira da época, a qual se tornava confusa pela ausência de regras a serem seguidas, principalmente no que diz respeito à questão do casamento, este, por sua vez, era totalmente diferente da visão do casamento europeu que visava à união de um homem a uma mulher através de arranjos familiares, não só com o objetivo de garantir a descendência, como também a transmissão de patrimônio, sendo dessa forma, visto pela sociedade como um contrato de interesses estritamente materiais. Aqui, homens e mulheres viviam em concubinato, que consistia na união estável, mas não formalizada pelo casamento convencional, ou seja, viviam com o parceiro que quisesse e poderia trocá-los ao longo da vida, assim como ter filhos com quem achasse conveniente. Não tinham o consentimento nem da igreja, nem do Estado, seguiam suas próprias leis.

Sob a ótica do homem português, a mulher servia apenas para os afazeres domésticos e para a procriação. A igreja exercia forte pressão sobre o adestramento da sexualidade feminina, sendo ainda controladas pela sociedade e pela família, submetidas a reprimir a manifestação dos seus desejos antes e depois do casamento. Muitas eram submetidas a total vigilância, por parte de qualquer pessoa do sexo masculino e, mais ainda, da

posição dos eclesiásticos na participação da repressão sexual das mulheres com o objetivo de “abafar a sexualidade feminina, que ao rebentar as amarras, ameaçava o equilíbrio doméstico, a segurança do grupo social e a própria ordem das instituições civis e eclesiásticas.” (ARAÚJO, 1997, p.45). A igreja, então, usava como artifício a passagem da bíblia encontrada em “epístola aos efésios<sup>1</sup>” que sugere que “o homem é a cabeça da mulher”, assim como “Cristo é a cabeça da Igreja”, a fim de comprovar que a mulher deve sempre se submeter ao homem, seja ele, pai, irmão ou marido.

Ainda segundo a igreja, a mulher estava condenada a pagar para sempre pelo pecado cometido por Eva, a qual ao comer o fruto proibido adquire conhecimento do mal levando o homem a pecar, à mulher, então teria que ser constantemente vigiada para não levar o homem à perdição. Araújo (1997) aponta que:

[...] o macho (marido, pai, irmão etc.) representava Cristo no lar. A mulher estava condenada, por definição, a pagar eternamente pelo erro de Eva, a primeira fêmea, que levou Adão ao pecado e tirou da humanidade futura a possibilidade de gozar de inocência paradisíaca. Já que a mulher partilhava da essência de Eva, tinha que ser permanentemente controlada. (ARAÚJO, 1997, p.46)

Nesse sentido, a mulher independentemente de cor, raça ou status social era vista como a origem de todos os males e, por isso, teria que passar o resto da vida sendo culpada por esse ato. As mulheres que apresentavam um comportamento rebelde por não aceitarem as regras impostas logo eram enclausuradas em conventos, pois estavam sendo usadas como instrumentos do demônio, e por isso, precisavam buscar a Deus para que se convertessem na fé cristã. Com isso, a Igreja e seus representantes, principalmente, os confessores, serviam como interventores e castradores das vontades femininas, sejam sexuais ou emancipatórias.

Araújo (1997) destaca o apóstolo São Paulo como sendo um dos principais influenciadores da repressão sexual feminina, e por isso, cita um trecho que está em Timóteo 2:9-15 em que o próprio apóstolo enfatiza essa ideia:

---

<sup>1</sup> Primeira Epístola de S. Paulo Apóstolo aos Coríntios: 11:3.

[...] Eu não me permito que a mulher ensine ou doutrine o homem. Que ela conserve, pois, o silêncio. Porque primeiro foi formado Adão, depois Eva, e não foi Adão que foi seduzido, mas a mulher que seduzida, caiu em transgressão. Entretanto ela será salva pela sua maternidade, desde que, com modéstia, permaneça na fé, no amor e na santidade. (ARAÚJO, 1997, p.46)

Pode-se, portanto, observar que a igreja exercia uma poderosa força de pressão para adestrar essas mulheres, lembrando-as constantemente da submissão a que elas teriam que enfrentar, estando sujeita à igreja e dentro de casa, submissão à figura masculina. No entanto, mesmo com toda essa vigilância algumas dessas mulheres conseguiam driblar e satisfazerem seus desejos sexuais de alguma forma, que muitas vezes resultavam em adultério. Entretanto, se um homem flagrasse sua mulher em adultério, tinha o direito de matar ela e o amante, já que o julgamento sempre era favorável ao marido traído, porém as leis duras ao extremo nunca as intimidou essas mulheres, fazendo com que sempre saciassem seus desejos sexuais, já que o ato sexual em si, não se destinava ao prazer, mas apenas para a procriação dos filhos.

Elas usavam vários meios para sair da condição de submissão, como por exemplo, a procura por outros homens que na maioria das vezes eram viajantes estrangeiros, com quais encontravam prazer e trocavam as carícias que não trocava com seu “senhor”, outras se relacionavam com suas próprias damas de companhia que, com as quais trocava confidências e experiências, tornando-as cada vez mais próximas. Usava o mato, a cama, a rede e, até mesmo, a própria igreja para esses encontros furtivos. Conforme Del Priore (2011):

A costumeira reclusão das donzelas de família e a permanente vigilância a que estavam expostos todos os seus passos tornavam missas, procissões, ladainhas e novenas ocasiões sedutoras, para as quais contribuía os moleques de recado e as alcoviteiras, ajudando a tramar encontros. Abrigo de amantes, a igreja logrou converter-se, em certas circunstâncias, num dos raros espaços privados de conversações amorosas e jogos eróticos, nos quais se envolviam nada menos do que os próprios confessores. E tais jogos eram perpetrados até mesmo no refúgio dos confessionários. (DEL PRIORE, 2011, p.35-36)

Nesse sentido, a missa, festas e procissões, tornam-se ambientes e ocasiões propícias para olhares e paqueras. A igreja passa a ser o lugar de

sedução e prazer, onde esses amantes poderiam se encontrar sem levantar nenhum tipo de suspeita, já que estavam em solo sagrado, esses encontros amorosos, muitas vezes, eram com os próprios padres, os quais eram seus confessores e seu guia espiritual. Ou então, esses padres ou religiosos que eram os representantes de Deus na terra e, portanto, os salvadores e guia espiritual das almas, passavam despercebidos a esses atos e davam a eles total liberdade para agir segundo achassem melhor, muitas vezes em troca de favores pessoal ou até mesmo religioso, facilitavam certos encontros furtivos com pessoas influentes da sociedade da época.

Nessa perspectiva, percebe-se o jogo de aparências, pois enquanto a Igreja estipulava normas para que a mulher reprimisse os seus desejos e vivesse totalmente enclausurada, voltada para os afazeres do lar, ao mesmo tempo, sob o véu do sagrado se entregavam aos prazeres da carne sem nenhum pudor. Na verdade, a instituição religiosa - o sagrado serviu como palco de enganos e libertinagens. Para satisfazer-se sexualmente, mesmo com forte vigilância, não hesitavam em procurar outros homens ou até mesmo mulheres com quem pudessem sentir prazer e paixão. Aquelas mais rebeldes que não aceitavam sua tutela total ao marido tratavam de procurar um amante. Quanto a esse aspecto, podemos citar a personagem Oribela, do romance *Desmundo* (1996), a qual rejeita seu primeiro pretendente, num ato rebelde porque logo ao chegar às terras brasileiras se sente atraída por um rapaz chamado Ximeno Dias:

[...] um homem de cavalo, vestido ricamente e com bota de cordovão, capa, sombreiro, seguido de seus escravos naturais com armas e mais uns negros de Guiné, tilintando de metais, cintilando raios e cheirando às peles manchadas que forravam os da terra, fez com que todos se afastassem a deixarem passar tal majestade, o cabelo de mecha da cor do cobre e uma grande quantidade de pêlo no braço, sempre ruço, veio num modo de querer alevantar o rebuço e verificar, fôramos putas ou barbadas, trasgos, mandrágoras. (MIRANDA, 1996, p. 27).

Tomada pelo desejo e ilusão pelo homem desconhecido, ao conhecer a origem deste acaba por se afastar e tentar esquecer. Porém já casada com um homem que não o deseja procura e encontra em Ximeno Dias uma ardente

paixão. Deixando para traz toda convicção e obediência ao marido e a Igreja busca prazer às escondidas, como podemos perceber no excerto abaixo:

[...] avistei no catre Ximeno adormecido, desnudado de suas vestes, descalçado dos sapatos [...].Era tal, que atraíu em tudo que há em mim e lhe fui sentir a boca, ele despertou e me tomou em seus braços num desatino e grandíssimo ímpeto, correndo com as mãos pelo meu corpo, dizendo falas de amante, a beijar meus beijos e outras obras bem desconcertadas, fãmitos afagos, a soltar o meu gibanete de homem, arrancar os colchetes, desatar os cordões da camisa, a me querer deixar feito as naturais, a mim dava um gosto bom[...] a querer sentir que ele se fazia em mim, um prazer perseverante tragando minhas tentações para vencer minhas malicias, inferno glorioso tirado de meu corpo[...] de minha natureza humana[...] ( MIRANDA, 1996, p. 179).

Ximeno é um homem bom, simples, independente e solitário, pois não tinha família, mulher ou parentes. Oribela desde que o viu ficou fascinada, contudo reprimiu esse sentimento ao descobrir que ele era mulçumano, a princípio pensa na religião católica a qual foi educada, que jamais permitiria o romance, além disso, ele não tinha posses. Mesmo estando casada se deixa levar pelas fraquezas humanas e tem a sua primeira relação sexual com prazer mútuo. Vive um momento incontrolável de sexo voluntário, desejo escolhido e nudez total, coisa que não tinha com o marido. Assim, no dizer de George Duby (2013): [...] Diante do marido que as solicita, fecham-se, reprimindo seu ardor. Em compensação, insatisfeitas, correm atrás dos amantes [...]. (GEORGE DUBY, 2013, p. 259), que as satisfazem com intenso prazer. Devemos considerar também, o fato de, os maridos dessas jovens já serem avançados em idade e, por isso, o interesse e o desejo mais aflorado por homens com idade mais em equidade a sua.

## **1.2 O casamento, vida conventual, sexualidade e maternidade na colônia.**

Como a vigilância era bem mais ferrenha para as jovens, era dever do pai arranjar um casamento para as filhas, geralmente com homens bem mais velhos, depois dos 40, 50 e, até mesmo, de 60 anos em diante, pois estes já estavam assegurados financeiramente, e tinham como manter a esposa e a família dela também. As mulheres casavam-se com 13, 14 ou 15 anos. Ao

chegar aos 14 anos se não tinham arranjado ao menos uma proposta, já era motivo de preocupação para os pais, que logo tratava de arrumar um casamento ou enviá-las para um convento. Se passasse dos 15 anos, a moça solteira já era tida como uma vergonha para a família. A repressão e a cobrança eram tamanhas que em dado momento foram fatores determinantes para que houvessem muitas moças perturbadas mentalmente, chegando até a enlouquecer. Esses casamentos eram combinados sem o consentimento da mulher, a união não consagrava o amor, e sim, um contrato social e econômico entre duas famílias. O que importava era a perpetuação do sangue daquela determinada família através dos diversos filhos que a mulher era obrigada a ter, se não os tivesse, por algum motivo, inclusive por esterilidade eram motivos de repulsa pelo marido que chegava a agredi-las fisicamente e verbalmente.

A própria igreja concordava com casamentos tão precoces e mais, tratava de vigiar bem de perto cada ato, cada sentimento e cada sonho dessas meninas/ mulheres com o objetivo de domá-las. Mesmo após o casamento a Igreja ainda continuava a interferir na vida sexual do casal, nada de troca de carinho, de afeto e muito menos algo ligado ao erotismo.

Ainda havia aquelas mulheres que eram prometidas à vida eclesiástica, tornando a família como sinônimo de prestígio social. Mesmo não apresentando algum tipo de dom para essa vida, elas se viam obrigadas a irem para um convento e seguirem a vida religiosa. A vocação religiosa não era um dos motivos mais importantes para que isso acontecesse, pois, muitas delas iam para o convento porque não arranjavam casamento e por fazer parte de uma família grande, esta não tinha condições de sustentar financeiramente tantas pessoas, ou até mesmo quando o dote colocava em perigo a estabilidade do patrimônio familiar. Outras moças, no entanto, iam para o convento apenas para se livrar da vida de submissão que levaria junto ao marido, por isso, muitas vezes, mentiam, afirmando ter nascido ou mesmo, ter tido uma inspiração divina para seguir a vida religiosa. Esse aspecto é positivo em certo ponto, pois muitas conseguiam em determinados conventos se desenvolver intelectualmente, tornando-se leitoras e, inclusive, escritoras, por ter acesso a leituras variadas e não aquelas apenas voltadas para o cuidado do lar.

O primeiro convento fundado no Brasil data de 1678, na Bahia, chamado de Santa Clara do Desterro, que por sua vez servia não apenas para o ensino da leitura e da escrita, mas também como prisões pelos pais que tinham muitas filhas e temiam a divisão de bens materiais com seus futuros genros. Porém, esse não é o único motivo para o qual mulheres eram enviadas para essas casas, mas todas aquelas que demonstrassem algum tipo de interesse que fugisse do modelo de mulher imposto pela sociedade patriarcal e religiosa, no dizer de Ana Miranda (1998):

[...] A rebeldia, a sensualidade, o interesse intelectual, uma personalidade excessivamente romântica e apaixonada, um corpo demasiado atraente faziam com que se encerrassem moças nas celas úmidas dos mosteiros. (MIRANDA, 1998, p.06)

Além dessas, as estupradas, amantes, bastardas, as que perdiam a virgindade, as que se apaixonavam por homens de classe social inferior as delas, todas essas eram enviadas para conventos.

No convento, distante da opressão dos pais e livres para seguir e desfrutar da liberdade intelectual acabam por despertar sonhos e fantasias sexuais, dos quais surgia envolvimento de amantes e cortesãs. Segundo Araújo (1997), o convento também era utilizado como refúgio as suas aspirações sexuais, já que os maridos ao viajar e com medo de serem traídos, deixavam suas mulheres nesse espaço sagrado até voltarem, já que atribuía a este, a função de zelar pela sua integridade moral e social frente à sociedade, para que não corresse o risco de serem traídos. Contudo, as jovens, e até mesmo, as mulheres mais velhas e casadas encontravam no convento a liberdade que não encontrara em outro lugar, desenvolvendo o livre arbítrio às suas escolhas, daí resultava em envoltimentos afetivos que, muitas vezes, envolvia o ato sexual entre elas e/ou entre outras pessoas que frequentavam o espaço religioso. Ana Miranda (1998) pontua que “[...] Quase sempre homens de natureza sonhadora, [...] lançavam olhares suplicantes; [...] suspiravam, entregavam-se ao sofrimento. Em seguida iniciavam uma correspondência amorosa.” (MIRANDA, 1998, p. 07).

Resultando dos vários artifícios utilizados pelas mulheres no intuito de se satisfazerem sexualmente, surge, como foi citado anteriormente, a homossexualidade feminina, o próprio enclausuramento em que viviam propiciavam momentos de carinho e cumplicidade entre elas. Araújo (1997) elucida:

Assim devia ser e assim era: a sexualidade negada em benefício do espírito irrompia na clausura feminina, incontida, imoderada, impudica, mas exercida com a discrição possível. Todos sabiam e todos fingiam não saber. Deus também sabia, mas decerto perdoava. (ARAÚJO, 1997 p.73)

Como resultado de tanto tempo juntas, dividindo problemas, sonhos, paixão, rebeldia e outras aspirações sentimentais, essas mulheres acabavam se envolvendo sentimentalmente entre elas, surgindo muitas vezes, um relacionamento amoroso, no qual quase tudo era permitido, sobretudo conhecer seu próprio corpo e seus sentimentos, conhecendo, dessa forma, o prazer, que até então lhes era negado.

No livro *Desmundo* (1996), esse contexto conventual refere-se ao fato do envio de jovens portuguesas ao Brasil para casar-se com os colonos que aqui viviam. Eram todas órfãs, portanto propriedade da Igreja e do Estado, tornando a questão de submissão ainda maior. Em Portugal, a mulher órfã ficava no convento a disposição de qualquer destino que fosse lhe imposto, pois não tinha a família para defendê-las, ficando a cargo dessas instituições que na primeira oportunidade de um bom negócio, logo as enviava para qualquer lugar para cumprir funções que lhes rendesse ganhos.

Oribela, por exemplo, foi enviada para o convento após a morte da mãe e a incapacidade de ser cuidada pelo pai. Estando a disposição de qualquer negócio, ver-se na difícil situação de ter que sair do seu país de origem para cumprir uma exigência estatal. O Estado português então decide enviar todas as órfãs para conter a miscigenação no Brasil, já que os colonos portugueses estavam se envolvendo com as índias pela falta de mulheres brancas. Além disso, essas moças garantiriam uma descendência portuguesa legítima. A função dada a elas era de combater o ato de formicação através do casamento e aumentar a população branca, propagando a doutrina cristã, já que esses

homens viviam em concubinato com as índias, assim como, mantendo relações incestuosas. No romance, essa questão é bastante evidente, pois a personagem Oribela é destinada a casar-se com Francisco Albuquerque justamente por ele estar cometendo atos incestuosos com a própria mãe, com quem, inclusive, teve uma filha. No seguinte trecho essa situação é bastante evidente:

Da mãe, tivesse eu por ela respeito, sendo mãe de meu esposo lhe devia eu reverência por ser de mais posto e que a filha frutificada do filho com a mãe, se assim fosse, eu a tomasse por minha menina e a amasse como fruto meu. (MIRANDA, 1996, p. 133).

A relação incestuosa de Francisco de Albuquerque com a própria mãe resulta no nascimento de uma menina, a qual nasce com problemas mentais, fazendo com que eles se sentissem culpados, já que encaravam isso como sendo uma punição do pecado cometido por eles. Ela era mantida trancada em um armazém, já que traz lembranças que Francisco de Albuquerque quer esquecer “tampouco podia ele suportar aqueles malditos olhos.” (MIRANDA, 1996, p. 201). Isso evidencia um aspecto bem comum na época, o relacionamento entre parentes, acarreta uma punição por meio do filho, pois o defeito ali evidente torna explícito o pecado cometido diante da sociedade, a qual a Igreja repreende com todas as formas de abuso, pois na obra, os padres se aproveitam desse ocorrido para pedir maiores rendas ao dono do engenho, pois este estava em dívida com a Igreja e, por conseguinte, com Deus. Por isso, para sanar o pecado e ser perdoado, precisa “doar” parte de seus lucros aos que estão à frente da instituição religiosa.

Chegando às terras brasileiras por volta de 1555, essas mulheres foram recebidas e cobiçadas por homens que as viam apenas como mercadoria, deixando de forma evidente fortes traços da real intenção do papel que essas jovens portuguesas teriam que desempenhar como citamos anteriormente, assim como, também revela os comportamentos e costumes da terra colonizada, sendo submetidas e exploradas pelos colonos como objetos de posse e de procriação, sendo estas regras invioláveis.

Como dito acima, a procriação era algo sagrado, pois assim, havia a propagação da raça branca, isso evidentemente, não podia ser violado, a

mulher devia se entregar ao marido e jamais pensar em sentir prazer, apenas tornarem-se mães o mais rápido possível. O homem ao contrário devia resguardar a sua esposa da fornicção, comportando-se conforme os códigos da Igreja para não pecar no ato sexual, já que era tido como sagrado dentro do matrimônio, no entanto, era livre para aplacar suas vontades com as prostitutas. Essas mulheres geralmente eram as mais pobres, geralmente precisavam trabalhar, pois nem todas tinham marido, eram mães solteiras que foram enganadas por falsas promessas de casamento, para então, serem abandonadas e humilhadas pela sociedade, muitas vezes chegavam a serem abusadas sexualmente.

A prostituição, nesse sentido, aparecia como uma forma de sobrevivência à exclusão e à miséria, servindo a Igreja para fazer um contraponto à mulher pura, identificada com a figura da virgem Maria, como modelo de mulher e mãe cristã tida como inspiração de como deveria ser a mulher “direita”, livre do pecado e submissa às leis religiosas. Os homens, então, se aproveitavam dessas situações para se satisfazer sexualmente com essas mulheres, muitas vezes à força.

Ainda segundo Del Priore (1993), a igreja via a prostituição como a salvaguarda do casamento da sociedade mais abastada, já que servia para que os homens tranquilizassem seus “ânimos” sem desfazer os laços matrimoniais. A relação sexual masculina fora do casamento era aceita pela igreja. Assim,

Para os teólogos, a prostituição se constituía num crime menor do que o adultério ou a sodomia, pois desde o século XIII que textos de São Tomás de Aquino e Santo Agostinho justificam que “a sociedade carecia tanto de bordeis quanto necessitava de cloacas”. A velada cumplicidade com a prostituição convivia com as preocupações contra os concubinários, e com a ideia de que uma boa ordem familiar dependia de um meretrício ordenado em função em função dos celibatários. Estes, portanto, deveriam pacificar seus ânimos nos bordeis com mulheres “publicas e postas a ganho”, cuja sexualidade era uma mercadoria que caracterizasse o seu ofício. (DEL PRIORE, 1993, p.19)

As relações concubinárias eram comuns nesse período e foram difundidas a partir do século XVII, sobretudo, entre as classes pobres que não podiam pagar a formalização do matrimônio. A maioria dos lares era de

famílias pequenas, como coloca Del Priore (1993) “a realidade colonial era de lares pequenos e famílias com estruturas simplificadas”. (DEL PRIORE, 1993, p.46).

Além disso, segundo a autora supracitada, “adestrar a mulher fazia parte do processo civilizatório, e, no Brasil, este adestramento fez-se a processo de colonização.” (DEL PRIORE, 1993, p.22). Outro fator para o processo de adestramento da mulher foi o discurso médico, no qual pouco se sabia sobre a funcionalidade do corpo da mulher, usando um discurso religioso que dizia que a função natural delas era a procriação. Fora desse padrão, a mulher estava condenada a exclusão, a solidão e a melancolia. “A Medicina aliou-se à Igreja na luta pela constituição de famílias sacramentadas, e o médico, tal como o padre, tinha acesso à intimidade das populações femininas.” (DEL PRIORE, 1993, p.26).

Segundo Priore (1993):

Tais discursos, bem como a mentalidade que eles refletiam, foram de fundamental importância as populações femininas; mas, como estas tiveram que organizar-se para contemporizar as normas culturais impostas por ambos os discursos e os constrangimentos naturais em que viviam afogadas, refugiaram-se na realização da maternidade como uma forma de resistência ao controle masculino. (DEL PRIORE, 1993, p. 23)

Durante muito tempo, a maternidade aconteceu por intermédio da função social que as mulheres desempenhavam na sociedade da época, fruto de suas relações conjugais sacramentadas pelo Estado e pela Igreja, assim como aquelas praticadas de outras formas, das quais não eram bem vistas como: estupro, sedução, cópulas pré-conjugais e abandono dos pretendentes.

A maternidade foi o refúgio onde às mulheres encontraram para escapar da exploração sexual e das coisas advinda das condições materiais de vida. A maternidade fora dos padrões pré-estabelecidos, no que diz respeito à condição econômica, fez com que mulheres de diferentes esferas sociais se unissem formando um tipo de proteção entre elas, na qual viviam na luta, adaptando seu destino e dos seus filhos as condições que poderiam oferecer dentro de suas limitações. Elas “uniam-se aos seus filhos para resistir à solidão, à dor e, tantas vezes, ao abandono”. Assim,

Pensar a história da maternidade na Colônia significa, portanto, examinar a condição feminina à luz de relações familiares e conjugais, dos sentimentos ou da falta deles, de leis e normas, mentalidades e usos específicos da condição social e histórica do Brasil nos séculos XVII e XVIII. Significa também perguntar em que molduras tais maternidades eram vivenciadas: se naquelas das relações conjugais lícitas ou se naquelas das consideradas ilícitas. [...]. (DEL PRIORE, 1993, p.52)

Na sociedade patriarcal, o filho é de responsabilidade quase exclusivamente da mulher. Elas desempenhavam papéis específicos de acordo com as condições das quais eram refletidas nos diferentes estratos sociais. Como muitos maridos eram ausentes e companheiros ambulantes, as mulheres passaram a chefiar seus lares, e estes passaram a ser criados por comadres, vizinhas e familiares, tornando-os dessa forma, filhos de todas. Ajudavam-se mutuamente e passaram a desempenhar outras funções dentro dos lares. Entretanto, a Igreja por defender o matrimônio como sinônimo de proteção e segurança tentava incansavelmente aproximar do seu modo de pregação de fé essas mulheres que viviam fora dos padrões sociais estabelecidos.

A personagem Oribela por ser órfã torna-se ainda mais submissa por estar constantemente custodiada pela Igreja, devendo obedecer cegamente ao confessor. Submete-se a um casamento que lhe provoca asco, no entanto, empreende diversas tentativas de fuga dessa realidade que lhe fora imposta. É isso que Ana Miranda nos traz no romance que analisamos: uma mulher que ao perceber estar sem saída busca meios de se desprender daquela situação que não condiz com sua vontade. É uma mulher de personalidade forte que não deseja se dobrar aos caprichos patriarcais, por isso que apesar de tudo, não aceita e luta por melhores condições de vida, chegando a transgredir algumas regras estabelecidas socialmente.

No próximo capítulo, atentamos de forma breve aspectos sobre o gênero romance histórico para que possamos entender essa revisitação e o novo olhar sobre o passado proposto pela escritora Ana Miranda. Em seguida analisaremos mais detalhadamente aspectos transgressores e que destoam do ideal patriarcal da época a partir da construção da personagem romanesca.

## **CAPÍTULO II: ANÁLISE DO PERFIL DA MULHER TRANSGRESSORA NO ROMANCE HISTÓRICO *DESMUNDO* DE ANA MIRANDA**

### **2.1 Breve excursão sobre o gênero Romance Histórico: conceitos e características encontrados no romance *Desmundo* (1996)**

A partir da década de 80, no Brasil há uma forte tendência em revisitar o passado histórico através de romances que reanalisam e reescrevem a história sob novos olhares e perceptivas diferentes. Romances como: *A Cabeça de Tiradentes* (1856) de Joaquim Norberto, *O Guarani* (1857) *As Minas de Prata* (1862-65,) *Iracema* (1865) e *A Guerra dos Mascates* (1874) todos de José de Alencar, e a obra *Os Farrapos* (1877) de Oliveira Bello, são os primeiros romances históricos brasileiros. A partir daí, romances desse tipo foram cultivados por diversos autores em diferentes períodos literários.

De acordo com Marinho (1999) o romance histórico trata-se de:

[...] um gênero híbrido, na medida em que é próprio da sua essência a conjugação da ficcionalidade inerente ao romance e de uma certa verdade apanágio do discurso da história. [...] o autor de romances históricos deverá assumir essa fundamental ambiguidade, visando através da representação de factos objetivos, a respectiva transcendência, ou então, estabelecendo uma relação metafórica com modelos arquetípos. (MARINHO, 1999, p. 12)

Isso significa dizer que tanto a história quanto a literatura pretendem representar uma realidade, usando o discurso estruturado nas relações de tempo e de espaço. A primeira, contando um fato que ocorreu, e, a segunda, contando um fato que poderia ter ocorrido, misturando fatos reais a fatos imaginados. O que está em pauta agora a partir desse gênero é a conjugação da literatura e a história como inerentes dentro do discurso ficcional, ou seja, usa-se a liberdade da ficção para pontuar fatos e lacunas que ficaram obscuros na História. Ou melhor, a partir dessas narrativas fictícias desenvolvidas com um olhar mais arguto para determinados fatos ou personagens históricos, o leitor tem a possibilidade de (re) avaliar o passado com mais criticidade e não mais apenas centrando-se em um único ponto de vista.

Reportando-nos a Aristóteles na sua *Arte Poética* temos que ao historiador cabe falar do que realmente aconteceu e, ao poeta, do que poderia acontecer (verossimilhança). Com isso, já põe em oposição a História da ficção (literatura).

O historiador e o poeta não se distinguem um do outro, pelo fato de o primeiro escrever em prosa e o segundo em verso (pois, se a obra de Heródoto fora composta em verso, nem por isso deixaria de ser obra de história, figurando ou não o metro nela). Diferem entre si, porque um escreveu o que aconteceu e o outro o que poderia ter acontecido (ARISTÓTELES, 1980, p. 252).

Conforme os pressupostos aristotélicos essa oposição história/ficção é bastante relevante, no entanto, percebe-se que ao longo do tempo, o próprio conceito de história vem se modificando já dando prenúncios de relações mais amenas com o discurso literário. Ambos têm uma intencionalidade ao (re) contar um fato do passado presente ou remoto, um traz fatos reais para sua narrativa, o outro recorre a fatos históricos e/ou ficcionais para ilustrar suas narrativas. Nesse sentido, história e historiador dialogam com a literatura e o escritor (romancista).

Esse novo gênero surgido no século XIX, especificamente, no período do romantismo tendo como precursor Walter Scott,<sup>2</sup> evolui, passando de tradicional para moderno ou contemporâneo, essa diferenciação dar-se a partir de características que lhes são atribuídas. O romance histórico, partindo de uma visão tradicional, é aquele no qual seu tema está centrado em acontecimentos de um passado longínquo em relação ao tempo do escritor. Há uma reconstrução, de forma mais verossímil possível, de determinada época na história reconstruindo ambientes e costumes com grande riqueza de detalhes e fazendo referência a acontecimentos e/ou pessoas reais, a fim de dar maior veracidade aos fatos narrados.

---

<sup>2</sup> Conforme GeogeLukács (1937) ao publicar *Ivanhoe* (1820) e *Waverley* (1814) Scott consolida o gênero. Nasce depois do Iluminismo, da Revolução Francesa, Queda da Bastilha e, principalmente da ascensão e da queda de Napoleão Bonaparte na Europa. *Waverley* (1814), o primeiro romance de Scott, surge como consequência de uma sucessão de circunstâncias sociais e históricas, que coincide com a derrocada do Império napoleônico, surgindo então, a ideia de recontar a história através da ficção, não com o intuito de falar sobre grandes heróis, mas sim, para ressuscitar as personagens que vivenciaram esses feitos históricos, fazendo com que o leitor possa entender as razões emocionais, sociais e humanas, pelas quais essas personagens passaram.

Para tanto, é preciso ter consciência que a concepção de romance histórico vem sofrendo mudanças com o tempo. Rogério Miguel Puga (2006), no seu livro intitulado *O Essencial sobre o Romance Histórico*, cita Roberts (1991) afirmando que:

O romance histórico se caracteriza pela consciencialização da diferença temporal entre processo presente da representação e a realidade pretérita representada, que é actualizada pela poética da ficção, abarcando a definição também os binômios factio/ ficção e passado/presente. (PUGA, 2006, p.04)

O romance se encontra em processo de construção e tem como objeto o passado histórico, trazendo seres humanos capazes de atos heroicos, pelos quais são determinados por motivos e ações condenáveis para tais ações, na época, estas eram movidas por anseios dignos condicionando o modo de ser e de como cada uma das personagens vão agir segundo o que o momento pede. A autora Marilene Weinhardt (1994) explicita:

Ao romance histórico não interessa repetir o relato dos grandes acontecimentos, mas ressuscitar poeticamente os seres humanos que viveram essa experiência. Ele deve fazer com que o leitor aprenda as razões sociais e humanas que fizeram com que os homens daquele espaço pensassem, sentissem e agissem da forma como o fizeram. [...] (WEINHARDT, 1994,p.51)

Nesse sentido, o romance histórico traz como característica central o fato histórico, do qual é o ponto de partida para a construção da ficção. Traz uma narrativa no tempo passado, buscando uma legitimação dos fatos históricos, através de documentos e referências históricas com o objetivo de tentar recuperar estruturas sociais, culturais, políticas e estilos da época. Em relação às personagens, deveriam ser figuras históricas que realmente existiram e seguiram o padrão da sociedade retratada, representando a figura de herói coletivo.

Utilizando dados verídicos para reconstruir um ambiente histórico, levando em consideração o tempo passado e o tempo presente do escritor, as personagens tidas como heroicas ajudam a situar a época de acordo com o pensamento, fatos e acontecimentos da sociedade em questão, sem, contudo,

manter o compromisso com o real, com o verídico, mas sim, com o que na realidade poderia ter sido.

Assim, a narrativa seria uma forma de realçar valores do passado, conhecendo por meio da narrativa, fatos históricos não necessariamente fiéis aos acontecimentos, assim como nos romances contemporâneos e/ou pós-modernos, porém, no romance contemporâneo há uma reflexão sobre esses valores, o que representa maior flexibilidade de interpretação sobre os fatos históricos.

Assim, o romance contemporâneo não se limita somente ao fato de se reproduzir fatos históricos, o que se encontra nesse tipo de romance é a história com uma nova roupagem, uma nova versão. E é justamente o que encontramos no romance *Desmundo* (1996), o entrelaçado entre história e ficção. Para comprovar isso, trouxemos nas palavras da própria Ana Miranda que “Os historiadores são ficcionistas que fingem que estão falando uma verdade. Os ficcionistas são historiadores que fingem que estão mentindo”<sup>3</sup>. Isso quer dizer que, tanto historiadores como ficcionistas se utilizam do discurso ficcional para enfatizar e argumentar seus posicionamentos em prol do fato histórico.

Ana Miranda<sup>4</sup> busca mais do que descrever a História, se preocupa menos com a questão da nacionalidade, passando a questionar os acontecimentos históricos, modificando a representação das personagens, que no referido romance traz uma narrativa contada sob um ponto de vista feminino.

---

<sup>3</sup>Entrevista disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/livros/em-mesa-que-uniu-passado-presente-historiadores-falam-em-pesadelo-do-brasil-atual-21646424>

<sup>4</sup>Escritora cearense nasceu em Fortaleza em 1951. Publicou vários livros entre eles: poesias, romances, novelas, diário contos e crônicas. No final do século XX, a escrita de autoria feminina já está firmada no mercado autoral com a publicação do livro de poesias *Anjos e Demônios* em 1978. Quatro anos depois publica *Celebrações do Outro*. Ainda no gênero poesia foi lançada a coletânea intitulada *Que seja em segredo* (1998) e *Prece a uma Aldeia Perdida* (2004). Estreou como romancista em 1989, com o romance *Boca do Inferno*, no qual ganhou o prêmio Jabuti de Revelação, rendendo reconhecimento nacional e internacional, a partir daí escreveu diversos romances entre eles *O Retrato do Rei* (1991), *Sem Pecado* (1993), *A Última Quimera* (1995), *Desmundo* (1996) *Amrik* (1997), *Dias & Dias* (2002), *Yuxin, alma* (2009). Seu romance mais recente é *Semíramis* (2014). Foi escritora visitante em Universidades de grande renome como Stanford e Yal, ambas nos Estados Unidos. Seu primeiro livro foi traduzido para vários idiomas. Atualmente, Ana Miranda continua a escrever e, entre outros trabalhos, publica suas crônicas na revista *Caros Amigos*, com a qual contribui desde 1997.

Dona de uma escrita complexa aborda temas relativos à nossa história literária, deixando marcas nas suas produções, principalmente quando demonstra preocupação na conservação e preservação em manter o máximo de fatores históricos procurando, assim, proporcionar uma maior veracidade a fim de causar em seu leitor uma viagem até ao tempo em que viveram aquelas personagens históricas. A autora cria personagens ficcionais para conviver com suas personagens históricas sem ter interesse de interpretar ou de reconstruir a História da qual se tem registro. Em seus romances históricos reúne personagens numa ficção documental, trazendo uma releitura do passado permeada por uma reflexão aos acontecimentos da época em que está sendo retratada. Em *Desmundo*(1996),Miranda traz logo no início uma carta real datada de 1552 de Manoel da Nóbrega a D. João, solicitando o envio de mulheres portuguesas para o Brasil:

A' El-Rei D. João

(1552)

JESUS

Já que escrevi a Vossa Alteza a falta que nesta terra ha de mulheres, com quem os homens casem e vivam em serviço de Nosso Senhor, apartados dos peccados, em que agora vivem, mande Vossa Alteza muitas orphãs, e si não houver muitas, venham de mistura dellas e quaesquer, porque são tão desejadas as mulheres brancas cá, quequaesquer farão cá muito bem à terra, e ellas se ganharão, e os homens de cá apartar-se-hão do peccado. (MIRANDA, S/P.)

Assim, proporciona uma recriação histórico-literária do Brasil Colonial, na qual mistura história e ficção, reconstruindo ficticiamente acontecimentos, costumes e personagens, mostrando aspectos ligados à vida colonial do primeiro século depois da chegada dos portugueses em nossas terras. O livro mostra as relações estabelecidas entre os colonos portugueses e a posição da mulher nesse contexto social. Mas ressaltamos que, apesar dessas questões estarem bem evidentes nessa narrativa, vamos nos deter a análise da personagem Oribela, abordando o papel da mulher no período colonial. Por se tratar de uma narrativa centrada na figura e sob a ótica feminina ao avaliar o passado histórico, entre outros aspectos, consideramos o romance *Desmundo* (1996) como histórico contemporâneo, pois há a subversão da história sob um novo viés.

No referido romance notamos a subversão da história colonial brasileira, que se dá a partir das ações e dos pensamentos da época, apresenta temas como sexualidade, casamento, maternidade, religiosidade e submissão. Através dos relatos apresentados pela narradora-personagem não fica difícil pensar que a narrativa é comum a outras mulheres que viveram nesse período, sobretudo, no que diz respeito, ao primeiro século de colonização. No decorrer de todo o romance podemos encontrar traços e características das quais chegamos a ter uma ideia de como era o Brasil do século XVI, na qual a personagem Oribela narra através de um diário, fatos comuns da vida cotidiana das personagens que passaram a viver naquele lugar. O fato da narrativa ser conduzida pela voz feminina e sob seu olhar, já destoa de outros romances históricos escritos sob uma perspectiva masculina.

## **2.2 A escrita de autoria feminina**

É importante ressaltar ainda que, nas primeiras décadas do século XX a literatura de autoria feminina começa a se firmar em meio a um universo estritamente masculino, quebrando um paradigma de uma literatura como espaço reservado apenas para o homem. O romance em análise traz uma escritora dando voz a uma personagem feminina para contar a história sob seu ponto de vista, e isso é bastante peculiar, é uma versão da história brasileira sob um prisma diferenciado.

De acordo com Cristina Ramalho (1999), os textos que remetem ao início do século, “reproduzem um discurso patriarcal, através da configuração de personagens femininas que repetem e reforçam os papéis sociais vigentes”. Tal aspecto pode ser observado na escrita de Ana Miranda, que através do romance *Desmundo* (1996), revisitou o começo da nossa história colonial de um ponto de vista inovador, através de um discurso na voz feminina que viveu em um mundo estritamente com poderes masculinos, não aceitava a condição que lhe era imposta, no entanto, não parou de lutar pela sua liberdade e não hesitou em quebrar as regras sempre que pôde. Deu voz a personagem Oribela, que muito tem a nos mostrar com toda sua força, garra e coragem para ser e fazer diferente, nos provando que em qualquer período sempre tinha aquela que desafiava as leis, a Igreja, o Estado e a submissão. Em entrevista

concedida ao jornal O Globo<sup>5</sup> a autora fala sobre sua preferência em escrever dando voz a uma mulher:

Prefiro escrever na voz feminina, na primeira pessoa, não é indicado para romance de passado, de fabulação, como são os meus. Mais é mais difícil, porque a voz literária canônica é quase totalmente masculina. Os mais sensíveis homens construíram o romance, Cervantes, Stenahal, Flaubert, e, só no século XX, quando o gênero já está estabelecido, as mulheres deram sua voz. Trabalhar com a voz feminina é sempre mais pantanoso, misterioso. Além disso, o que há de material sobre as mulheres é menor quando vamos indo para trás no tempo. Por outro lado, o romance parece ser um gênero de alma feminina, com essa demora nas minúcias, esses devaneios e perdições. (MIRANDA, 2014)

Isso nos mostra a responsabilidade e intelectualidade de Ana Miranda, que ao escrever romances históricos em primeira pessoa procura proporcionar uma maior veracidade aos fatos narrados, mostrando o contexto social a que mulheres como Oribela estavam submetidas. Na verdade, dá voz a uma classe que por muito tempo não teve oportunidade de expor suas trajetórias, trazendo como a própria autora menciona a “alma feminina”.

No entanto, cabe ressaltar, que não foi e continua não sendo fácil a mulher conquistar seu espaço, mas muito foi conquistado, como podemos observar em Luiza Lobo (1998), alegando que:

[...] a principal transformação por que passou a literatura de autoria feminina é a conscientização da escritora quanto a sua liberdade e autonomia e a possibilidade de trabalhar e criar sua independência financeira - através, basicamente, do trabalho jornalístico, diplomático (na América Hispânica, principalmente na Argentina e México) e o professorado. Ocorreu assim uma paulatina mudança da condição "feminina" para a condição "feminista". Desde a década de 1970, a consciência do corpo e o questionamento da existência, com a maciça entrada das escritoras na Universidade, pelo menos desde a década de 1950, tornaram suas vozes mais intensas. As escritoras passaram a expressar suas realidades psicológicas, interiorizadas, filosóficas, introvertidas e superaram o estágio em que repetiam o estilo dos homens, no século XIX. [...] (LOBO, 1998, p. 08)

Sabe-se, que a mulher, fora excluída de várias formas e inúmeras razões, dentre elas o preconceito de uma sociedade atrelada a valores

---

<sup>5</sup> Entrevista concedida ao Jornal O Globo em 2014. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/ana-miranda-sensacao-que-todos-os-meus-livros-sao-resultado-de-sonhos-11668799>

patriarcais que reservava a elas apenas o papel de esposa e mãe. Mesmo na atualidade, a mulher expondo sua forma de pensar e discutir sobre os mais variados temas, ainda continua enfrentando preconceitos e não seria diferente com a mulher escritora, ainda falta muito espaço para ser conquistado, mesmo que tenha conseguido um novo público produtor e leitor. Em *Desmundo* (1996), temos a personagem principal sendo vencida pelo poderio masculino, no entanto, percebemos vários momentos de transgressão ao longo da narrativa, dos quais tenta se libertar das amarras impostas sua condição enquanto mulher, como veremos no decorrer do capítulo.

De certa forma, a partir do romance em estudo, vemos uma escrita voltada para a visibilidade feminina em uma época tão retrógrada no que se refere ao tratamento da mulher em sociedade. O fato de tentar mudar a realidade imposta e buscar novos horizontes já dar uma visibilidade maior ao discurso feminino. Nesse sentido, a escrita de autoria feminina, e especificamente, a escrita de Ana Miranda, traz em seu bojo ideias e lutas por uma sociedade mais igualitária, utilizando suas produções de modo a expor uma nova visão de mundo ao moldar personagens de acordo com seus ideais.

### 2.3 Em busca de emancipação: atos transgressores da personagem Oribela em *Desmundo*

O romance *Desmundo* (1996) tem sua história narrada no período colonial do Brasil e traz como tema principal a história de órfãs vindas de Portugal para desposar homens portugueses que aqui viviam. Sob o olhar e a perspectiva de uma personagem feminina, Oribela, conta de maneira pessoal sua visão diante dos acontecimentos pelo qual enfrentava. Chega ao país trazendo dúvidas, medos e, ao mesmo tempo, esperanças.

O livro, através do relato da protagonista em forma de diário é dividido em dez partes: parte 1- A chegada; parte 2- A terra; parte 3- O casamento; parte 4- O fogo; parte 5- A fuga; parte 6- O desmundo; parte 7- A guerra; parte 8- O mouro; parte 9- O filho; parte 10- O fim. A trajetória da protagonista é perpassada sob a ótica do patriarcalismo como já mencionamos, pois fora criada e educada sob as regras de submissão, fidelidade e virtude. Entretanto, Oribela não aceita a submissão que lhe é imposta, defende seus sonhos e ambições, mesmo sem ter consciência de seus atos, ela acaba por violar e se rebelar contra o sistema, questionando as instituições patriarcais.

Na primeira parte do livro, Oribela fala sobre as condições da viagem, seus medos, anseios e sonhos. Tinha em mente qual era seu lugar no mundo.

Aquele era o meu destino, não poder demandar de minha sorte, ser lançada por baías, golfos, ilhas até o fim do mundo, que para mim parecia o começo de tudo, era a distância, a manhã, a noite, o tempo que passava e não passava, a viagem infernal feita dos olhos das outras órfãs que viam e descobriam, de meus enjôos, das náuseas alheias, da cor do mar e seu mistério maior que o mundo. O mar, lavrado pela natureza, o mar nos deixa seus escravos, mar que não se pode tomar porto e se fica sendo dele inteiramente. (MIRANDA, 1996, p. 15)

Oribela, assim como as outras órfãs, não tiveram escolha senão vir para o “Novo Mundo” com a promessa de serem tratadas como rainhas após o casamento, se estas fossem totalmente submissas, visto que essa era uma característica do casamento no século XVI, porém a personagem questiona seu papel social ao refletir sobre a impossibilidade de não conseguir realizar seus sonhos de criança e adolescente na nova terra. Sendo uma

revolucionária, paga com dor e sofrimento por se sentir desconfortável com sua situação enquanto mulher.

Ao chegar à terra recém-descoberta, Oribela enfrenta seu maior medo, tudo era novidade, as coisas não pareciam ser como ela imaginara. O choque de cultura era evidente. O primeiro desafio da personagem era controlar seus desejos, já que fora criada seguindo os princípios da moral cristã portuguesa, ela vivia em constante conflito interior. Como podemos perceber no excerto abaixo:

[...] fomos criados na santa fé, crendo na providencia, de almas razoáveis que por três maneiras chegavam a Deus, pelo amor, pelo temor e pelo trabalho, mas ainda assim cegados pela turvação e ignorância do pensamento, da mente, lançados aos perigos temporais [...] (MIRANDA, 1996, p. 17).

Entre a coragem e o medo, corpo/alma, partir/ficar, transgredir/obedecer, o conflito se dava pelo discurso patriarcal que dizia que a mulher deveria ser do lar e seu adestramento fazia parte do sistema, sendo esse o modelo ideal de mulher. A partir da citação exposta, podemos evidenciar que a personagem já se mostrava inconformada com a sua criação religiosa, pois, como ela mesma enfatiza isso deixava a todos cegos por ignorância, impossibilitando uma visão além do que era permitido.

Logo ao chegar, Oribela conhece um homem que fora prometido a umas das órfãs.

Um homem de cavalo, vestido ricamente e com bota de cordovão, capa, sombreiro, seguido de seus escravos naturais com armas e mais uns negros de Guiné, tilintando de metais, cintilando raios e cheirando às peles manchadas que forravam os da terra, fez com que todos se afastassem a deixarem passar pela majestade, o cabelo da cor de cobre e uma grande quantia de pelo no braço, sempre ruço, veio num modo de querer alevantar o rebuço e verificar, fôramos putas barbadadas, trasgos, mandrágoras.(MIRANDA, 1996, p. 27)

Este homem vinha à procura de umas das órfãs que era sua prometida, porém esta acabara por morrer na viagem. Oribela, então, cai de amores por

ele sem saber que se tratava de um mouro<sup>6</sup>, mesmo assim, hesita seus próprios sentimentos. Conforme é descrito o homem apresentava um porte majestoso e isso o distinguia dos demais que, geralmente, eram oferecidos a essas mulheres, homens brutos e desarrumados, este, portanto, era diferente, tanto fisicamente quanto ao que se refere ao comportamento diante das mulheres. Talvez por pensar em ter um futuro diferente daquele que lhe fora destinado, Oribela, por um momento, se ilude com falsas esperanças. É pertinente ainda frisar que o pensamento mais íntimo da personagem está sempre em evidência na narrativa. O intimismo aqui funciona como uma característica inerente à escrita de autoria feminina.

Mesmo em sua condição de submissão, Oribela desafia seu destino, não aceita as condições da qual teria que se submeter, por isso, muitas vezes pensa em fugir e voltar a sua terra natal. Constantemente, a mulher do governador e conselheira das órfãs, tentava convencê-las de que elas teriam um casamento bom e virtuoso se respeitassem o marido dentro dos princípios da fé cristã. O primeiro ato transgressor da personagem em análise foi quando rejeitou um homem de posses que queria casar-se com ela. Mesmo sabendo os motivos que a trouxera, ela recusa-se a casar com o sobrinho da mulher do governador como nos mostra os trechos a seguir:

A pele de seu semblante parecia uma pedra lavrada, corroída pelas ventanias e pelas formigas, feita num áspero burel, seus cabelos como cerdas de javali de que se faziam cilícios. Tristes eram seus olhos de xamete e amorosos de doer. Atinei que queria casar, *o que me deu uma angústia no coração*. (MIRANDA, 1996, p. 55, *grifos nossos*).

E que não fazia mal ser eu tão cheia de diversas opiniões e bravezas, minhas vistas eram tão admiráveis quanto as estrelas do céu e saberia eles e fazer obedecer com reverência e acatamento à sua humilde pessoa, não fazia mal ter perdido eu pai e mãe nos impetuosos ventos do destino o qual com sua fúria havia feito em mim a execução de sua mão poderosa. Reparasse o homem na formosura de minha feição, na suavidade mulheril e esquecesse da rebeldia, tudo o mais era infalível. O homem me veio a mirar e no rosto lhe cuspi. (MIRANDA, 1996, p. 56)

---

<sup>6</sup> Nome dado aos povos Árabes considerados livres. No contexto da ficção analisada, além da etnia, a designação sinaliza as práticas pagãs ou não cristãs da época.

A personalidade forte de Oribela deixa-nos entrever o seu desconforto diante desse homem que estava a olhar para ela com intenções mais íntimas, isso lhe causa asco, provocando-lhe uma angústia, conforme enfatizamos no trecho destacado. Na segunda citação, é pertinente salientar o seu desejo em ser vista e admirada pela “formosura da feição, e suavidade mulhêril”, isto é, ser respeitada pelas suas características e não apenas alvo de apetite sexual. O olhar apetitoso do homem fez com que ela cometesse uma rebeldia que nenhuma outra mulher ousaria fazer.

Ao cuspir a face do homem, Oribela comete um ato transgressor, já que ela, na condição de órfã deveria ficar agradecida por ter sido escolhida para casar por um homem como aquele. Ela mostra seu descontentamento frente à imposição de um casamento com um homem que não escolheu, mostra sua opinião que vai contra o discurso patriarcal da época, e mesmo tendo consciência do que acontecia a mulheres transgressoras, não hesitou em fazê-lo. Como podemos perceber no trecho a seguir:

[...] soube de uma mulher que se negou a casar teve suas mãos e pés cortados, foi mandada ao mosteiro. Arrastava a pobre sua carcaça nos pedregulhos do pátio, sem coisa alguma sobre suas carnes, arrancando compaixão de todas, uivando, ganindo, cadela brava e triste de ódio, servia a mais de nós, as fêmeas (MIRANDA, 1996, p.75).

Esses eram os castigos postos a mulheres desobedientes, muitas preferiam um casamento arranjado com um homem bestial a passar por essas condições descritas acima, no entanto, para Oribela esses relatos pareciam não a amedrontar, pois a todo o momento, percebe-se o seu descontentamento diante daquela realidade que teria que enfrentar ao casar-se com um homem bem mais velho que ela e com atitudes tão repugnantes a seus olhos. Por isso, aceita com ousadia e coragem o castigo que lhe é designado.

E d'arrancada deu com uma vara. No sacrário me fez em joelhos rezar por perdão de minha rebeldia, me deu pancadas nas mãos até ver sangue, que não doeu tanto e foi murmurar mais castigos com outros padres. Tornei a cela, fosse a uma cova para ser enterrada viva não estaria eu tão cara de coruja, com nojo muito verdadeiro e suspiros verdadeiros. (MIRANDA, 1996, p.57)

Podemos perceber a falta de liberdade ou de escolha da mulher desse período e a opressão sofrida por quem quebrava as leis. Oribela não era igual às outras órfãs, tinha pensamentos à frente de seu tempo e buscava a todo custo ser fiel ao que desejava. O tempo todo lutou por sua felicidade e mesmo com forte repressão resiste à dominação patriarcal da época.

Após esse ocorrido, escolhe-se outro pretendente para ela, dessa vez, o eleito chamava-se Francisco de Albuquerque, homem rude, simples e de bom coração que ao ser rejeitado por Oribela, ver isso como um desafio e diz que não importava o preço, pagaria o que fosse necessário para tê-la. Podemos perceber, então, mais uma vez a força e a coragem de Oribela ao recusar um segundo casamento, mesmo já tendo sofrido castigos físicos.

Como já vimos no capítulo anterior, a mulher da colônia era submetida a inúmeras regras e constantemente domesticada para não fugir do padrão da época. Esse aspecto está explícito no trecho abaixo:

Ora ouvi, filhas minhas. Aquela que chamar de vadio seu homem deve jurar que o disse em um acesso de cólera, nunca mais deixar os cabelos soltos, mas atados, seja em turbante, seja trançado, não morder o beijo, que é sinal de cólera, nem fungar com força, que é desconfiança, nem afilar o nariz, que é desdém e nem encher as bochechas de vento como a si dando realeza, nem alevantar os ombros em indiferença e nem olhar para o céu que é recordação, nem punho cerrado, que ameaça. Tampouco a mão torcer, que é despeito. Nem pá pápá nem larilará. (MIRANDA, 1996, p. 67)

Notamos, através do excerto, que a submissão dessas mulheres ao marido era de forma integral e fazia parte da regra básica do discurso patriarcal, entretanto, a personagem em questão não atendia a essas regras e convenções sociais. Oribela se mostrava resistente frente aos costumes e mesmo sendo mulher, órfã e criada sobre os preceitos da religião, não se mostra satisfeita com o destino de sua vida. Desde pequena foi castigada por demonstrar essa insatisfação e por ter um temperamento que fugia do padrão da época, questionando seu papel de mulher e se vendo no direito de sonhar. Como não era dona de suas vontades e desejos, tampouco tinha forças para lutar sozinha em uma sociedade tão misógina, casou mesmo contra a vontade e enfrenta a dura realidade a que essas mulheres eram submetidas.

Como não tem forças suficientes para agir diante da proposta casamenteira, à força, submete-se a seu destino, casando-se com Francisco de Albuquerque. A passagem a seguir evidencia esse aspecto:

Para deitar, um monte de feno, mas a mim foi segurando Francisco de Albuquerque e derrubando. E acaso a leoa mais mansa que o leão? *E lhe dei uma bofetada no rosto no que fez ele sem pensar uns modos de como se fosse quebrar minha caveira*, me fez tremer as carnes e o fervor dele, disto, era tão grande, em tal momento, que em muito breve espaço tudo meu estava como que em grilhões, entre suas forças, embaixo de seus pesos, a arrancar tudo que era seu e de Deus, *cobrar sua repartição, seu quinhão que lhe valia por direito de esposo, como em mim havia de ser tudo seu, mas eu rogava que nada fosse tanto, entendendo de querer escapar de embaixo dele, de modo que se tinha dentes devia ser para cobrar as penas*, quem deu foi pensando, assim foi Francisco de Albuquerque trabalhar sobre mim, recolher de minha boca o silêncio e a fechadura em sua boca (MIRANDA, 1996, p. 76, *Grifos nossos*).

Apesar de se ver totalmente desamparada, Oribela, não deixa de lutar e tenta impor a sua vontade e identidade. Conforme destacamos nos trechos acima, ela é obrigada por falta de alternativa e oportunidade a seguir os desmandos do marido, no entanto, tenta resistir dando uma bofetada no rosto do seu algoz, luta para se soltar das amarras daquele homem que estava ali se apoderando da compra realizada. Assim como em busca de uma presa, ele está ferozmente cobrando-lhe aquilo que lhe é de direito. O que fica explícito no comportamento de Oribela é sua luta, não só diante dos dogmas sociais, mas pelos princípios morais os quais acreditava e defendia. Por isso, não respeitou o marido conforme mandava as normas da época.

Contra-pondo-se a ideologia matrimonial de fidelidade, Oribela se apaixona pelo rapaz mouro, como já dissemos. Chamava-se Ximeno, e essa paixão para a época se configura como uma afronta, no entanto, ela, apesar das poucas possibilidades que detém enfrenta seus medos e a repressão social em razão desse sentimento.

Queria eu roupas de fidalga para assombrar o Ximeno. Ia vestir e fazer a Temericô me tratar dos cabelos, que virassem cachos e da noite para o dia descessem aos ombros e de véu, o rosto ataviado de tinta e as mãos de perfume, ia eu fazer de dama para que ele avistasse e se cortasse em seu coração de respeito por não ser eu uma ninguém, mas algo, que então parecia ter eu pernas duras para ficar em alteza maior que antes e me tendo em seu respeito se daria

Ximeno ao temor de me fazer sua cativa e me livraria o rosto da vergonha (...) (MIRANDA, 1996, p. 193).

Numa época em que a sexualidade feminina era controlada e a todo momento as mulheres lembradas da subordinação à figura masculina, Oribela não se sentia dessa forma, por vezes não se intitulava nem culpada, nem pecadora por desejar o amor, mesmo que este não fosse de seu marido. Ela se mostra diferente da grande maioria das mulheres de seu tempo, que desde cedo eram julgadas pecadoras, aliciadoras dos pecados dos homens e transgressoras, viviam com tanto medo e vergonha do pecado que se submetiam as leis de Deus e aos costumes da época.

A personagem em questão subverte a sua condição de mulher submissa ao se imaginar bonita e atraente para um homem, ainda mais, sendo casada. Como podemos constatar na citação, ela deseja se arrumar, soltar os cabelos (algo proibido para as mulheres casadas da época) e ser vista pelo amado como alguém importante, digna de respeito e dedicação. Como já foi discutido no capítulo I, a mulher não devia se mostrar para um homem, o recato era a primeira regra a ser observada em sua vida de reclusão. Com Oribela, o mostrar-se bela torna-se um desejo de ser amada, e desejar um homem era algo proibido ao sexo feminino.

Desde a infância é perceptível um comportamento contrário da protagonista aos ideais repressores. Isso fica evidente no momento que o seu corpo era vigiado pelo pai quando tomava banho, conforme podemos constatar abaixo:

Meu pai mandou turvar a água do banho com leite para não ver meu corpo de criança, uma vez alevantei da gameleira e ele me castigou com tantas vergastadas que verti sangue pela boca. Água nas mãos e na fuça, fidalga. Água no mais, puta. (MIRANDA, 1996, p. 43)

Nesse excerto, fica claro, o controle do corpo como símbolo sexual e, conseqüentemente, do afloramento dos desejos sexuais. Se desnudar diante das pessoas era um ato de vulgarização típico das prostitutas/putas como fica bem explícito na fala da narradora. Era preciso controlar o corpo feminino, já que, ao longo do tempo foi tido como alvo de tentação masculina. Ao se levantar da água desnuda, a personagem é castigada por, mesmo que

inocentemente, quebrar as regras do pudor. Nesse sentido, Araújo (1997) assevera que:

A sexualidade feminina na época colonial manifestava-se sob vários aspectos, sempre esgueirando-se pelos desvãos de uma sociedade misógina e suportando a culpa do pecado a ela atribuído pela Igreja. A mulher podia ser mãe, irmã, filha, religiosa, mas de modo algum amante. (ARAÚJO, 1997, p.73), ou até, ter atitudes e ações de “putas”.

Fica claro, então, uma personalidade diferenciada em Oribela, pois desde criança sem entender o motivo de tamanha afronta ao pai tem a capacidade de desafiar a ordem vigente, mesmo que inconscientemente ou por curiosidade.

Oribela foi abandonada pelo seu pai depois da morte da mãe porque a mesma não se enquadrava no modelo de mulher imposta pelo sistema patriarcal, esta questionava seu papel como mulher e se permitia sonhar “Me dizia ter feição de puta, por meu nariz afilado e a minha rebeldia na língua e o estar sempre sonhando, coisa de mulher pública. (MIRANDA, 1996, p. 75)”. Por apresentar comportamento transgressor e está sozinha foi colocada em um convento, que, por sua vez, ficava a função de adestrar essas mulheres controlando e oprimindo seus desejos. Entretanto, Oribela não seguia essas regras, sempre questionadora de tudo, até mesmos dos ensinamentos religiosos e morais.

E disse eu. Ora, hei, hei, não era melhor morrer a ferro que viver com tantas cautelas? Ai, como sou, olhasse a minha imperfeição, olhasse meu lugar, sem eira nem beira nem folha de figueira. (MIRANDA, 1996, p. 67)

[...] me liberteis de casar, senhora, muito por mercê, porque tamanho mal fazeis, vede, que grande labirinto sou, não sirvo a homem algum, triste é meu peito pisado de coices, que me rugem as tripas de noite e sonho com fogo. (MIRANDA, 1996, p.60)

Só através do casamento é que se tinha a ideia de controlar os anseios femininos e de garantir a decência legítima. Após o casamento arranjado com Francisco de Albuquerque, Oribela era vigiada, controlada sobre atos rígidos mesmo seu esposo dizendo amá-la. Foi obrigada a morar nas terras de

Francisco, reduzindo dessa forma as chances de uma possível traição e ao mesmo tempo tendo sua sexualidade controlada.

Sua primeira relação sexual, obtida sem consentimento fora marcada por dor e tortura. Não só tortura física, mas emocional também. Oribela sentiu-se um objeto de posse do homem do qual sentia repulsa e nojo:

Logo se tornou num cachorro que vi sobre uma cadela de rua, um ganso numa gansa, no Mendo Curvo, ou um padre na freira [...] que eu estava a temer de me quebrar os ossos e rasgar pela metade [...] Ele me abriu, explorou e olhando no lume a cor do molhado, de sangue, abanando a cabeça disse. Verdade disseste e agora és minha. (MIRANDA, 1996, p.77)

Com o casamento consumado e orgulhoso por ter Oribela como sua posse, Francisco se ver no direito de exercer poder total sobre ela que, até então, seguia o bom modelo esperado por ele no que diz respeito à sexualidade feminina. Algumas considerações são pertinentes salientar, o fato de ser tomada como a um animal, desconsiderada a sua condição de donzela virgem. Além do mais, como é expresso no final do trecho, o próprio marido parecia desconfiar da sua pureza, já que precisou constatar através do sangue a verdade que buscava. O sangue como vestígio do rompimento do hímen da mulher, foi por muito tempo, tido como uma comprovação da virgindade da mulher, no entanto, não se levava em conta que, muitas vezes, o sangue se fazia presente pelo fato da brutalidade e violência com que essas meninas eram subjugadas. Muitas em tenra idade eram estupradas por senhores que sem nenhuma consideração, ou até mesmo, por vontade incontrolável em domar um corpo dócil, cometiam as maiores atrocidades, pois estavam protegidos pelas leis, inclusive, as da Igreja.

Oribela sentia nojo do marido, quanto “mais olhava o rosto de Francisco de Albuquerque, sua sobrançelha, seu nariz, seu queixo, mais sofria. Sua mão a tocar a minha mão, dava náuseas.” (MIRANDA, 1996, p. 75). Sempre questionadora de sua função como mulher, porém muitas vezes fora vencida pelo mais forte:

[...] quemseria, que inventou de haver fêmea e macho e fazer uns mais fortes e umas mais débeis, que nem meus braços davam conta dos deles nem as pernas dele se apiedavam das minhas, que eu

estava a temer de me quebrar os ossos e rasgar pela metade [...] (MIRANDA, 1996, p. 77)

Podemos refletir acerca do sofrimento de tantas “Oribelas” que viveram naquela época, todas à mercê das vontades de seu “senhor”, não tinham oportunidades nem forças para lutar contra o sistema, principalmente, numa época em que o sexo sem consentimento e sem prazer recíproco não era considerado estupro, essas mulheres ainda que apresentassem resistência, eram tratadas como meros objetos de posse. Contudo, cabe ressaltar que mesmo Francisco de Albuquerque possuindo o corpo de Oribela, não possuía sua alma nem seu desejo de voltar para casa.

Por duas vezes Oribela tentou fugir das garras de Francisco, cometendo dessa forma, mais um ato transgressor. Em sua primeira tentativa de fuga, na esperança de encontrar algum navio que pudesse levá-la para Portugal foi enganada pelos marujos e quase violentada por eles em uma praia, entretanto, é resgatada por seu marido que a acorrentou e maltratou como uma forma de castigá-la por ter desobedecido. Foi amarrada como um animal e levada caminhando até em casa e como sua propriedade foi mantida prisioneira tendo contato apenas com uma nativa.

Com o enclausuramento parece ter uma nova forma de ver a vida e a si mesma, a saudade a sua terra diminui e passa a se sentir parte daquele lugar, aprende a língua dos nativos e vai deixando suas convicções cristãs. Porém, todas as vezes que uma embarcação saía, Francisco era tomado pelo medo de perder a esposa, por isso a vigiava dia e noite.

Já em sua segunda tentativa que aconteceu quando as terras de seu marido foram invadidas, acaba por pedir ajuda ao mouro Ximeno Dias, do qual já tivera contato e sentira uma forte atração, gerando um conflito interno ao perceber que seus sentimentos vão contra as leis impostas pela Igreja. Sem necessariamente pensar nos votos matrimoniais, Oribela se vê envolvida sentimentalmente com o mouro.

Mas no escuro de meu coração a vista dele se marcara, que dela me não podia livrar, fechando as vistas ou abrindo, de temor do blasfemo de alguma maldita seita, espírito atalaiado, estava ele dentro de mim ardendo como um feiticeiro, os mais desumanos e cruéis inimigos que nunca se viu no mundo (MIRANDA, 1996, p.29)

Oribela tenta esquivar-se, esquecer o mouro, contudo, em seu coração o sentimento já havia brotado em seu peito. Por mais que tentasse controlar suas aspirações, não era capaz de controlar a vontade de seu coração. Vivia em um casamento infeliz com o português e via na figura de Ximeno Dias um refúgio. Del Priore (1993) registra que “O amor dentro do casamento deveria ser casto e continente, enquanto fora dos laços matrimoniais o amor era paixão”. Paixão era o que sentia Oribela, entretanto, ele era mulçumano, um motivo a mais para ela está traindo sua fé, já que era algo proibido pela Igreja. Mesmo assim ela o procura e pede ajuda para voltar para a terra natal, este por sua vez promete ajudá-la e protegê-la dos castigos do marido:

Estava a casa do Ximeno escura, os lumes apagados, uma luz de lua peregrina pintava às avessas o mundo, do escuro ao claro, assim como o sol fizera as sobras fazia a lua as luzes e avistei no catre o Ximeno adormecido, desnudo de suas vestes, descalçado dos sapatos, eram seus pés de gente, fosse naquela noite, nas outras não se sabia. Mas assim o vi. Era tal que atraiu em tudo que há em mim e lhe fui sentir a boca, ele despertou e me tomou em seus braços num desatino e grandíssimo ímpeto, correndo com as mãos pelo meu corpo. (MIRANDA, 1996, p.171)

Aqui podemos perceber a grande atração que a personagem sentia por Ximeno, mesmo com sentimentos contraditórios a respeito do mouro, já que a vida toda ouviu sobre os malefícios daquela gente, ainda assim admira e deseja o corpo daquele homem que fora tão bom com ela. Tomada por um súbito de consciência cristã, Oribela sente que está em pecado, e ao mesmo tempo em que o deseja. Há nesse trecho um momento de envolvimento e desejo erótico entre ambos. Ela se permite sentir e ser tocada por outro homem. Isso é bastante relevante para o caráter transgressor da personagem, pois era a primeira vez que realmente sentia vontade em ter algo mais íntimo com um homem e por vontade.

Um grande pecado que devia eu de dar suplício ao corpo, minha unhas afiei na parede e raspei a minha pele dela tirando sangue numas trilhas infernais, sem lágrimas ou gemidos, a pagar com minha dor a dela e vinha ele a bafejar, ai amor, eu bem vejo o teu coração dando saltos, ilusão da língua, toques de mãos, união de corações, a nos saírem pela boca resplendores de fogo e vivia eu disso, sacramentada ao Ximeno, dele sendo toda possuída, a suspeitar que era o demo, ele, que me precipitava nos fingimentos, a ungir meu peito de abismos, a apertar os meus pulsos, lançar aos estímulos

carnais, ah, Deus que me salvasse, a quem podia eu confessar?  
(MIRANDA, 1996, p.187)

Mesmo com sentimentos tão contraditórios Oribela se entrega a Ximeno Dias e tem sua primeira noite de amor, porém se mostra arrependida e deixa clara a repressão feminina ao sentir-se culpada em deitar e amar outro homem que não fosse seu marido. O papel social da Igreja é bastante claro em sua função ao adestramento feminino passado através de regras a serem cumpridas. Oribela mesmo satisfazendo seu desejo carnal e realizando algo íntimo de sua vontade, se mostra arrependida porque sabe que cometeu um ato transgressor aos costumes da época. Del Priore (1993) em seu livro *Ao Sul do corpo* evidencia que:

A mulher, neste sistema de pensamento, aparece como um ser simplificado, voltado às finalidades do casamento sem paixão e com filhos. Qualquer papel desempenhado fora deste território significava contrariar, lutar contra, ou mesmo sufocar a natureza feminina. (DEL PRIORE, 1993, p. 287)

Sendo assim, podemos perceber o quanto o (des) mundo de Oribela foi difícil, por um lado, a personagem se mostra sonhadora, questionadora das regras e dos padrões pré-estabelecidos, por outro é obrigada a recuar e se conformar a viver no papel que foi designada a cumprir desde seu nascimento. Oribela mais uma vez é capturada pelo esposo e obrigada a voltar para casa. Mesmo assim seu coração pertencia a Ximeno, seus pensamentos, aflições e desejos e isso por si só já é uma transgressão.

Inconformada com a situação da volta da nora, Dona Branca, mãe de Francisco, conhecedora de feitiços, rezas e ervas tenta matar a nora envenenada, pois fica sabendo que ela estava grávida. Sem sucesso no seu plano, amaldiçoa a nora e o próprio Francisco, por aceitar a mulher após duas fugas, aquela por ser uma “sem nome”, transgressora dos valores morais cristãos. Em meios às diversas discussões, Dona Branca afirma ser do mouro o filho que a nora esperava. Francisco, então, mata a mãe fazendo a vida da esposa um verdadeiro inferno.

Tempos depois, nasce o filho, o qual Francisco acreditava ser seu, no entanto, a criança nasce com cabelos de fogo “Era o cabelo dele claro da cor

de mel” (MIRANDA, 1996, p. 203), dando a prova necessária que o filho era de Ximeno. Francisco, então, rejeita a ela e seu filho, mas vigia-os constantemente:

Mas veio Francisco de Albuquerque olhar seu filho, não o quis ter em seus braços e se foi num ímpeto de ciúmes. Disse a Temericô, de noite que meu filho tinha cabelos vermelhos do mouro, disse se falava em todo o país. (MIRANDA, 1996, p. 204)

Certo dia, ao amanhecer, Oribela percebe que o marido havia fugido com seu filho e talvez tenha embarcado em uma nau rumo a Portugal. Com isso, ela ateia fogo na fazenda e sai em busca de seu filho e do marido. Em meio ao desespero, sem ter para onde ir nem o que fazer, sua única alternativa é procurar ajuda com Ximeno Dias. Ao chegar a casa dele, encontra tudo revirado, com sinais de luta.

A casa estava escura mas ao menos uma luz havia de candela, fina e pobre de azeite e um rumor de cavalo. Estava tudo quebrado no chão, os livros rasgados e mesa em pedaços, o tinteiro e a poeira largados de qualquer modo, como se tivesse havido ali uma luta [...] (MIRANDA, 1996, p. 212)

O desespero de Oribela foi tão grande que ela desejou a volta do marido, “Por medo da fome, da orfandade, do abandono, quis que retornasse Francisco de Albuquerque.” (MIRANDA, 1996, p. 212) não sabia se sonhava, dormia ou estava ficando louca, ao ouvir um choro de criança se vira e ver Ximeno trazendo em seus braços o menino:

[...] Por que me mandou Deus para tal fim? Todo o meu mundo esvaneceu, estava eu endoidando, dormindo, sonhando? Ouvi o choro do meu filho, virei e na porta, atravessado pelos raios derradeiros do sol, os cabelos em fogo puro, estava o Ximeno com a trouxa de criança no colo. (MIRANDA, 1996, p. 213)

Com essa cena temos o final da narrativa, o que nos permite fazer duas leituras: a primeira, essa visão de Oribela pode ser fruto de mais uma alucinação com a imagem de Ximeno e que sempre fizera parte de suas aspirações e alucinações, já que a casa está sem ninguém e ela encontra-se sozinha, abandonada mais uma vez, e longe de sua terra natal e agora sem o

seu filho. A segunda leitura é que se a visão for verdadeira, ela consegue realizar seu sonho, termina ao lado do filho e de seu amor, transgredindo as leis das quais fora criada para seguir. Tendo, dessa forma, um final feliz para sua história enquanto mulher, que tem o direito de sonhar e viver segundo as leis do seu coração.

Como se trata de um romance histórico contemporâneo, a escritora tem plena liberdade de invenção, deixando lacunas para que o leitor reflita sobre a situação ali apresentada. Com um final aberto, o desfecho nos possibilita pensar sob duas realidades possíveis para a época evocada. No entanto, o que fica de reflexão é o fato de ser extremamente difícil uma mulher desse período tão repressor ter tido um final tão favorável a sua condição, pois a maioria das mulheres por mais que lutassem contra o seu destino eram domesticadas a aceitá-lo.

Consequentemente, cabe ressaltar, pensando no tema que nos propomos a discutir, que a personagem desenvolveu atos transgressores do início ao fim da narrativa, e o fato do seu filho ser do mouro evidencia sua emancipação em relação às regras a que estava submetida, pois mesmo que estivesse sozinha e abandonada, conseguiu impor sua vontade, transgredir o casamento como instituição sagrada e dar um fruto do amor entre ela e o homem que realmente a fez feliz e realizada em termos de amor e desejo. O filho, nesse aspecto, representa a personalidade de uma mulher forte, destemida e emancipada para a sua época.

A partir do exposto, percebemos o quanto Oribela, mesmo em condições precárias, luta por sua sobrevivência e, de certa forma, liberdade de escolha em um mundo dominado pelo homem. Torna-se transgressora da condição feminina transplantada pelo período em que viveu ao ficar ao lado de um homem ferindo os dogmas religiosos, sociais e morais, respectivamente, pois, tem um relacionamento sexualmente intenso com ele, no qual, sente prazer e se satisfaz, assim como, aceita-o como cristão-novo ferindo a religião. Além disso, o filho ilegítimo, fruto desse amor arrebatador e adúltero, configura um passo em prol de sua emancipação numa sociedade tão retrógrada e praticante da misoginia.

Cumprindo ainda salientar, como foi exposto no início desse capítulo, que o romance *Desmundo* (1996) por se tratar de um romance histórico

contemporâneo traz uma versão diferenciada da historiografia, proporcionando ao leitor um olhar mais crítico e reflexivo dos assuntos e temas ali referidos. A versão ensejada de um período tão repressor para a mulher e sob a ótica de uma narradora possibilita-nos uma diferenciação bem peculiar, pois temos uma narrativa focada nos interditos da psicologia feminina e sua visão/posição de uma época não tão favorável para seu sexo.

Nesse sentido, podemos evidenciar que, Ana Miranda através de uma escrita totalmente voltada para o feminino procura subverter os padrões sociais mantidos a partir de uma visão masculina, estabelecendo vez, voz e espaço para que mulher/es falem de si. A princípio, pode-se pensar que Oribela não foi tão emancipada na constituição do romance, no entanto, só pelo fato de ter se engajado em mudar os ditames patriarcais a ela impostos com pequenas ações, já se constitui um avanço no que se refere à posição da mulher em sociedade e sua visibilidade como sujeito de direitos, desejos e objetivos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Cientes da importância da literatura em nossa sociedade e sabendo que a mesma permite-nos recriar a realidade dos fatos de qualquer época, partimos da leitura do romance *Desmundo* (1996) da escritora Ana Miranda, a qual mostra uma sociedade colonial com costumes pautados no discurso patriarcal e na religião rígida na manutenção dos valores social, moral e cristão que condicionava a figura da mulher ao casamento, ao lar e a maternidade.

Em virtude do discurso patriarcal, a mulher foi silenciada, excluída e vítima de preconceitos e estereótipos disseminados a sua imagem ao longo dos tempos. Foram consideradas inferiores e submissas à figura masculina, não só pela poder social, mas também pela religiosa, como podemos perceber ao longo da análise da narrativa.

Para discutirmos sobre a condição da mulher no período colonial usamos como suporte Araújo (1997), Mary del Priore (1992;1993;2011), Telles(2007), George Duby (2013); acerca do romance histórico foi Marinho (1999), Puga (2006), Weinhard (1994); e sobre a literatura de autoria feminina as pesquisadoras Cristina Ramalho(1999) e Luiza Lobo (1996), entre outros estudiosos para mostrar a situação feminina vivenciada no período colonial brasileiro, sobretudo por meio da personagem Oribela, fazendo uma interligação entre esses teóricos e nosso problema de pesquisa.

Em *Desmundo* (1996) pudemos observar através da escrita de Ana Miranda os conflitos das mulheres no século XVI, o qual subverte a ordem da aristocracia em relação ao posicionamento ideal esperado de uma mulher, seja nas relações social ou sexual. Temos a representação de uma mulher que lutou do início ao fim pelo que acreditava, embora, muitas vezes, tenha sido obrigada a se submeter aos caprichos masculinos, levando em consideração sua condição enquanto mulher submissa. Mostrando toda a dor e sofrimento provocado por um casamento forçado, sem nenhum tipo de sentimento, a não ser o nojo e o desprezo, a protagonista consegue se satisfazer sexualmente e amorosamente por meio de um relacionamento extraconjugal, configurando, assim, um perfil subversivo para a época evocada.

Enfim, no primeiro capítulo abordamos a condição feminina no Brasil colônia, no século XVI, mostrando o papel social da mulher na época. No

segundo capítulo pudemos aplicar os conceitos discorridos no capítulo anterior, assim como trouxemos também um breve panorama sobre o gênero romance histórico, trazendo conceitos e características e as diferenças com o romance histórico contemporâneo, tendo em vista que *Desmundo* (1996) faz parte da literatura contemporânea.

Acreditamos que o maior desafio da escritora Ana Miranda tenha sido apresentar uma narrativa que faz referência a um Brasil colonial sob o ponto de vista de uma mulher, que na época não tinha nem voz nem vez, representando assim uma ruptura com os padrões de representação da história, já que traz uma narradora-personagem que conta sua trajetória através de um diário, mostrando sua insatisfação, seus questionamentos, suas dúvidas, medos e incertezas. Uma personagem que luta com coragem e bravura contra o sistema que a aprisionava.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Emanuel. A arte da sedução: sexualidade feminina a colônia. *In*: PRIORE, Mary Del (org). **História das Mulheres no Brasil**. 9. ed. São Paulo: Contexto, 1997, p. 45-77.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6023: informação e documentação: referências: elaboração**. Rio de Janeiro, 2002.

ARISTÓTELES. **A Poética**. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: II a experiência vivida**. 2. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 2009.

BÍBLIA, Português. **A Bíblia Sagrada: Antigo e Novo Testamento**. Tradução de João Ferreira de Almeida. Edição rev. e atualizada no Brasil. Brasília: Sociedade Bíblia do Brasil, 1969.

BURILLE, Celma Faria de Souza. **O papel das mulheres na organização do espaço social na sociedade colonial**. Disponível em: [http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos\\_teses/2011/historia/1burille\\_artigo.pdf](http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/2011/historia/1burille_artigo.pdf) Acesso em: 22 out. 2017.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. São Paulo: T. A. Queiroz; Publifolha, 2000.

DEL PRIORE, Mary. **A mulher na História do Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 1992.

\_\_\_\_\_. **Ao Sul do Corpo** – condição feminina, maternidade e mentalidades no Brasil Colônia. Brasília: Edunb, 1993.

\_\_\_\_\_. **Histórias íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2011.

DUBY, George. **Eva e os padres: damas do século XII**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013, p. 225 a 302.

LOBO, Luísa. **A literatura de Autoria Feminina na América Latina**. Disponível em: <http://filipe.tripod.com/LLobo.html> Acesso em: 22 dez. 2017.

\_\_\_\_\_. **Literatura de autoria feminina na América Latina**. Rev. Mulher e Literatura, Rio de Janeiro, 1998.

MARINHO, Maria de Fátima. **O romance histórico em Portugal**. Porto: Campo das Letras, 1999.

MIRANDA, Ana. **Desmundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

\_\_\_\_\_. **Que seja em segredo: textos freiráticos século XVII e XVIII**. Dantes, Rio de Janeiro, 1998, p. 05-14.

\_\_\_\_\_. **A sensação é que todos os meus livros são resultados de sonhos**. Rio de Janeiro, O Globo. 21 fev. 2014. Entrevista a Maurício Meireles. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/cultura/ana-miranda-sensacao-que-todos-os-meus-livros-sao-resultado-de-sonhos-11668799> Acesso em: 14 mar. 2017

MOISÉS, Massaud. **História da literatura brasileira: Origens, Barroco, Arcadismo**. São Paulo: Cultrix, 1990.

OLIVEIRA, Cristiano Mello de. **O Romance Histórico no Brasil: alguns paradigmas teóricos**. Disponível em: [www.usp.br/estetica/index.php/estetica/article/download/4/5](http://www.usp.br/estetica/index.php/estetica/article/download/4/5) Acesso em: 10 nov. 2017.

PUGA, Rogério Miguel. **O essencial sobre o romance histórico**. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2006, p. 03-33.

RAMALHO, Cristina. **Literatura e feminismo: propostas teóricas e reflexões**. Elo, Rio de Janeiro, 1999.

SILVA, Daniela Silva da. **Romance Histórico Brasileiro: Vértices e Arestas da ficção de Ana Miranda**. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/rl/article/view/2349/1485> Acesso em: 02 nov. 2017.

SILVA, Flávio Henrique Menezes da. **Desmundo, de Ana Miranda: a reconstrução ficcional da história do Brasil Colonial**. Disponível em: [http://www.cchla.ufpb.br/ppgl/wp-content/uploads/2012/11/images\\_Flavio.pdf](http://www.cchla.ufpb.br/ppgl/wp-content/uploads/2012/11/images_Flavio.pdf)  
Acesso em: 12 set. 2017.

TELLES, Norma. Escritoras, Escritas, Escrituras. *In*: DEL PRIORE, Mary. (Org.) **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2007.

WEINHARDT, Marilene. **Considerações sobre o romance histórico**. Curitiba: Revista de Letras, 1994, P. 49-59.